

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2015 - ANO XVIII - Nº 226

EDITORIAL

A partir do final de novembro o mundo se volta para o encontro mundial sobre o clima que acontecerá em Paris. A atenção da sociedade para essa Conferência ocorre pela necessidade que temos de frear o aquecimento global consequente do efeito estufa.

Nas últimas décadas, cada vez mais desastres ambientais decorrentes das alterações climáticas são observados em todo o mundo: tornados, chuvas torrenciais, nevascas, enchentes, além de extremos do clima impactam a vida de milhões de pessoas. O número de mortos e desabrigados cresce a cada evento. O prejuízo é incalculável.

O encontro de Paris visa a atrair a atenção da sociedade mundial para eventos apocalípticos previstos para acontecer se nada for feito para evitá-los.

Um pacto entre os países se faz necessário: o planeta se encontra no limite, pois foi explorado de maneira irracional. As mudanças climáticas são decorrentes do descaso e do desrespeito com a natureza. Se não houver um acordo mundial visando a diminuir a produção de CO₂, corre-se o risco de se ver tornada irreversível a já crítica situação atual.

Como exemplo, constata-se que há muito a natureza vem sinalizando para o esgotamento das reservas hídricas. A alteração do ciclo das chuvas vem causando secas e desertificação em vários lugares do mundo. Consequentemente, os reservatórios que abastecem as grandes cidades encontram-se em situação crítica. Esse fenômeno ocorre atualmente no Sudeste Brasileiro. Para solucionar essa grave questão, a única maneira possível de se produzir água é preservando e recuperando os mananciais.

Em nossa região a ausência de matas provocou grandes erosões cuja sedimentação vem assoreando nossos rios e ribeirões condenando-os à morte lenta. Em Piquete, a exemplo de outras cidades, seus rios tiveram o volume d'água drasticamente reduzido. As grandes voçorocas na região do Pomílio concorrem para esse fenômeno: é o retrato do abandono e do desrespeito com a natureza.

O município não tem condição de resolver sem apoio governamental esses graves problemas. A recuperação dessa área erodida, bem como das nascentes do município, faz-se necessária.

Que nossos governantes aproveitem e ocasião e se voltem para esses problemas no momento em que são discutidas em Paris as mudanças climáticas e suas repercussões mundiais.



Reprodução

São muitas as consequências do rompimento das barragens em Mariana/MG. A população se pergunta: quem vai pagar por isso? E tem dinheiro que pague pelo meio ambiente devastado OU pelas vidas, pela história e pela cultura perdidas de uma comunidade?

Um amargo réquiem para o Rio Doce

O desrespeito ao meio ambiente é uma prática observada por todo o país. Consequentemente, quando um grave acidente ambiental decorrente desse descaso acontece, a opinião pública se faz ouvir. A população se mobiliza, buscam-se responsáveis. Pressionadas, as autoridades procuram explicar, mas não convencem, principalmente quando dizem que fizeram sua parte. O que acontece, na verdade, é que nossos órgãos fiscalizadores estão sempre sucateados. Faltam-lhes profissionais capacitados, infraestrutura, investimentos em novos conhecimentos e aparelhamento com tecnologia moderna. No país o improviso impera. Não se trabalha com prevenção. O investimento governamental nesse setor é ínfimo. Além disso, muitos cargos em órgãos de licenciamento e fiscalização são ocupados por indicação política, em detrimento do técnico especialista. Portanto, quando ocorre uma tragédia como essa de Mariana, já considerada o maior desastre ambiental da história do país, uma comoção toma conta das ruas. A todo o momento a mídia noticia o fato, todos se sensibilizam. Passado algum tempo, os olhos se voltam para outro desastre: já não se fala, por exemplo, da tragédia que se abateu sobre a região serrana de Petrópolis e Teresópolis há poucos anos, quando escorregamentos se pultaram mais de mil pessoas. As copiosas chuvas de verão foram responsabilizadas. Após esse desastre que mobilizou o país, o

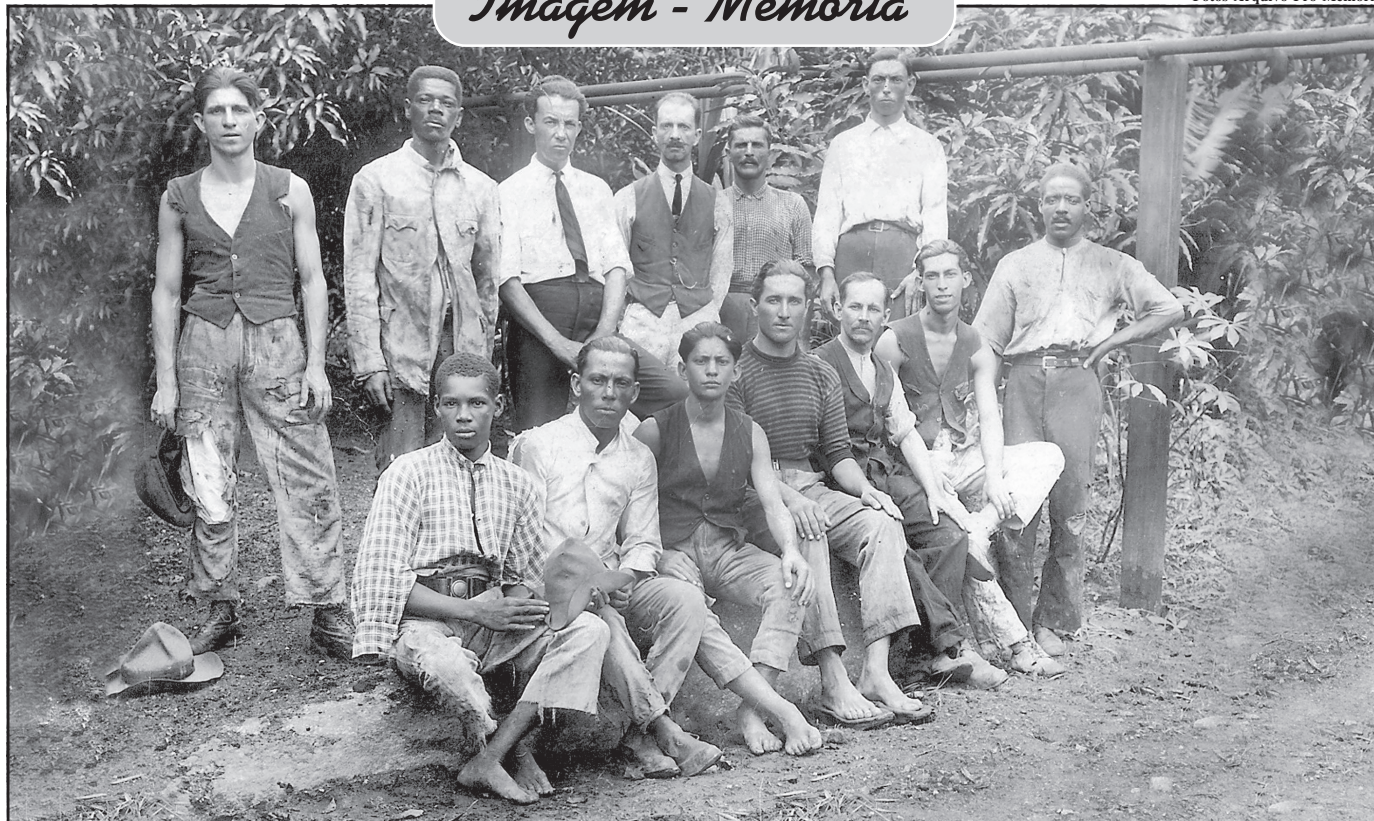
investimento feito na região foi pouco, pela proporção do desastre. Muitas famílias ainda esperam por suas casas e indenizações. O meio ambiente aguarda por reparação.

Agora, a tragédia aconteceu em Minas Gerais. O rompimento das barragens de mineração provocou uma avalanche de rejeitos e causou danos ambientais imensuráveis e irreversíveis. São mortos, feridos, desabrigados, córregos entupidos de lama, patrimônio histórico soterrado, gado sem vida à beira de estradas, peixes boiando inertes na lama. À medida que a lama desce rio abaixo, os estragos se somam. São muitas as consequências do rompimento dessa barragem; e a população, perplexa, ainda se pergunta: quem vai pagar por isso? E tem dinheiro que pague vidas, a história e a cultura de uma comunidade?

Recompor as localidades soterradas é impossível. Qual a dimensão da responsabilidade? Os valores dos danos são incalculáveis. A dimensão desse desastre é tamanha, que ganhou manchetes nos grandes jornais do mundo. Quem sabe, assim o governo se mexa e passe a ver com outros olhos a questão ambiental no Brasil. Fala-se em elaborar novas leis. Mais legislação para não ser cumprida. Nossas autoridades deveriam se envergonhar frente a esses desastres evitáveis. Quando questionadas a respeito, tentam justificar com a falta de infraestrutura. Respostas vazias para problemas de fundamental importância.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



A fotografia registra um instante interrompido do trabalho de operários da então Fábrica de Pólvora sem Fumaça, no início do século 20. Entre os primeiros operários contratados havia muitos imigrantes e negros, que conquistaram, ombro a ombro, espaço significativo nessa indústria bélica piquetense.

A Fábrica de Piquete e a inclusão social

Quando se discute a necessidade de se trabalhar para a inclusão social dos cidadãos e o combate ao preconceito e racismo no Brasil, constata-se que, em Piquete, com a construção, há mais de cem anos, de uma fábrica de pólvora sem fumaça pelo Exército, isso já era uma prática comum.

No livro de registro dos primeiros operários contratados para trabalhar nessa indústria, observa-se um número significativo de imigrantes: portugueses, italianos, suecos... Todos estavam em busca de oportunidades. Aqui constituíram família e fixaram raízes. Entre esses operários pioneiros havia, também, muitos negros, alguns deles ex-escravos que havia pouco mais de dez anos experimentavam a liberdade.

A escolha de Piquete para instalação de uma fábrica gerou grande expectativa entre os moradores. De economia agrária, cujo principal produto ainda era o café, lavoura que, apesar de pouco produzir, utilizava muita mão de obra. Se para o cidadão branco a situação econômica era difícil, para o negro, então, muito mais. Os ecos do treze de maio eram recentes. O fim da escravidão deixou centenas de ex-escravos às margens da sociedade. Os recém-libertos passavam por muitas dificuldades. Abandonados à própria sorte, não houve preocupação por parte do governo em ampará-los por leis que possibilitassem assistência e formas de inserção do negro na sociedade.

Sem acesso à terra e sem qualquer tipo de indenização por tanto tempo de trabalho forçado, geralmente analfabetos, vítimas de todo tipo de preconceito, muitos ex-escravos permaneceram nas fazendas em que trabalharam vendendo seu trabalho em troca de sobrevivência. Aos que migraram para as cidades só restaram os subempregos e a economia informal. Com isso, aumentou de modo significativo o número de ambulantes, empregadas domésticas, quituteiras e lavadeiras, sem qualquer tipo de assistência e garantia. Os negros que não moravam nas ruas passaram a morar, quando muito, em cortiços miseráveis. O preconceito, a discriminação e a ideia de que o negro só servia para trabalhos duros, ou seja, serviços pesados, deixaram sequelas desde a abolição da escravidão até os dias atuais.

Nos anos que se seguiram à abolição, os sonhos dos libertos converteram-se, muitas vezes, em pesadelo em virtude das condições adversas que tiveram de enfrentar. Eles não tardaram em reconhecer que sua luta não chegara ao fim. Caberia a eles próprios se organizarem para alcançar seus objetivos. A emancipação fora apenas o primeiro passo para a liberdade. Para muitos negros de Piquete, a construção da Fábrica de Pólvora foi a oportunidade de se empregarem com o status de funcionários públicos federais. A partir de então, assim como os imigrantes ou qualquer outro operário,

puderam se qualificar para as mais diferentes funções dentro daquela indústria bélica. A Fábrica foi para eles um espaço privilegiado de socialização. O salário fixo mensal permitiu-lhes se organizar, proporcionando melhor qualidade de vida a eles e às famílias. Também com os mesmos deveres, coube a eles se empenhar e buscar promoções e melhores cargos. Muitos chegaram à posição de Mestre e se tornaram referência na história dessa indústria.

No final da década de 1930, com a criação, pela Fábrica, de cursos profissionalizantes e, posteriormente, de escolas industriais, os filhos e netos desses pioneiros, brancos ou negros, puderam se qualificar tecnicamente. Completava-se o processo de inclusão social.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Márcia Chaves

Ela é uma das pioneiras no bairro da Caixa D'Água. Desde que se casou mora na mesma casa nesse tradicional bairro piquetense. "Isso aqui era um barreiro que Deus me livre...", lembra, sorrindo...

Márcia de Oliveira Chaves da Silva é filha do casal Benedicto Monteiro Chaves e Eva de Oliveira Chaves. Mineira de Itajubá, Márcia conta que, quando tinha três meses de idade, os pais se mudaram com a família para Piquete, pois "seu Dito" iria trabalhar na Fábrica de Pólvoras. Aqui no estado de São Paulo nasceriam mais dois irmãos, completando os oito filhos do casal Dito e Eva Chaves. A família, quando chegou, foi morar à rua Major Carlos Ribeiro. Logo depois, se mudaram para próximo da antiga Matriz de São Miguel.

Iniciou os estudos no Antônio João. Depois, foi para o Grupo da Fábrica e, em seguida, para o Ginásio Industrial. "Não me formei professora porque me casei...", conta. O casamento com Geraldo Rufino da Silva Filho, o "Rapinha", aconteceu em 20 de julho de 1958, após cinco anos de namoro, iniciados quando ela tinha quinze anos... Às vésperas do casamento, Márcia descobriu que em seu registro de batizado constava outro nome... "Minha mãe, em função de dificuldades no pré-parto, fez uma promessa ao padre mineiro recém-beatificado Francisco de Paula Victor: se tudo corresse bem, a criança receberia o nome Victor de alguma forma. Era, portanto, pra eu me chamar Márcia Victor. Meu pai, porém, me registrou sem o Victor. Já no batizado, minha mãe informou o nome que desejava para sua filha", explica dando risadas... "Mamãe não cumpriu a promessa", complementa.

Após o casamento, mudou-se com o marido para o bairro da Caixa D'Água, onde vive até hoje. "Aquele tempo era muito bom... Hoje também é, mas antes era diferente: todos eram amigos, amigos verdadeiros", afirma Márcia. Os vizinhos eram as famílias da Maria da Onça, do Sérgio Antunes, Zézinho e Carmem Duarte, Armênio Arioste, Toninho Capistrano, Zé Alckimim... "As nossas festas juninas eram muito boas, assim como os fogos do fim de ano e a bagunça do Boi de Carnaval... Aqui em casa que surgiu o Bloco da Folia, que depois se transformou em escola de samba... Tinha, ainda,



o orfanato Maria Mazzarello: o catecismo aos domingos, as aulas de datilografia com as irmãs salesianas Irene e Ana Maria... O roseiral... Era tudo muito bom...", conta, emocionada com as recordações...

Quando perguntada sobre sua relação com a Igreja Católica, se entusiasma: "Fui criada na Igreja, graças a Deus". Márcia ingressou na Irmandade de São José aos quinze anos, quando a presidente era D. Nica do Zizinho (Ana Eulália da Encarnação). "A Irmandade é muito especial para mim, pois temos como principal objetivo promover as vocações sacerdotais: o aumento e a santificação do clero – uma missão difícil nos dias de hoje". Márcia está pela quinta vez como Presidente da Irmandade São José, que conta, hoje, com cerca de quarenta pessoas. "As pessoas não querem assumir a presidência...", lamenta.

Além da Irmandade, Márcia fez parte, junto com as irmãs e o irmão José Theóphilo, do tradicional Coral Santa Cecília. "Mamãe e papai eram muito religiosos e nos educaram sob esses valores", destaca.

No início da década de 1980, o marido foi transferido para o Rio de Janeiro. Lá ficaram por cerca de um ano. "Era um local muito gostoso. Morávamos numa casa imensa. Eu tinha até medo...", conta, sorrindo. Algum tempo depois que retornaram a Piquete, Márcia ficou viúva. Terminou de criar os seis filhos na mesma casa adquirida pelo marido e hoje aproveita a vida para ajudar a cuidar dos onze netos e dois bisnetos.

Noção de família, raízes, tradição, fé... Márcia Chaves, ou Márcia Victor Chaves, é guardiã desses valores que fazem grande diferença nos atribulados dias atuais.

É dramática a alfabetização no Brasil

Não há nada pior para a educação do país do que encerrar 2015 com duas situações críticas na base da educação, entre tantas outras.

A primeira situação diz respeito ao nível de alfabetização das crianças brasileiras. Dados divulgados pelo MEC, em setembro deste ano, mostram, em síntese, que na leitura, na escrita e na matemática, alunos de oito anos, no terceiro ano do ensino fundamental, apresentam apenas 10% de resultado ideal. Trata-se de um resultado vexaminoso.

A população que hoje tem mais de 30 anos, com certeza, recorda-se de ter sido alfabetizada, aos seis ou sete anos, na "primeira série". Os recursos, na maioria das escolas, era apenas lousa, giz e uma cartilha sumária, mas o fato é que as crianças aprendiam a ler e escrever. O que aconteceu de lá para cá? O tempo passou e, com tantos avanços nas diferentes áreas, retrocedemos na base da educação? A história de construtivismo, letramento e tantas outras que viraram moda não deram certo?

Sim, não deram certo porque em educação costuma-se dar mais ouvidos a opiniões do que à Ciência. O que se pratica na escola é um amontoado de experiências baseadas no achismo, negando-se aquilo que as pesquisas e experiências sérias têm mostrado. No caso da alfabetização, em especial, a política de alfabetização na idade certa (oito anos) é mais um grave equívoco.

Dito isso, o leitor (agora assustado) deve estar se perguntando qual é a segunda situação? A segunda situação é a resposta do MEC diante dos resultados. O Ministério da Educação só vai fazer uma nova avaliação sobre a alfabetização no Brasil no ano que vem. Disse que não é por falta de recursos, mas porque as mudanças de um ano para outro não são significativas. Socorro! A questão é urgente! Medidas emergenciais precisam ser tomadas; afinal, trata-se de uma tragédia.

Laura Chaves
Mestre em Educação

"A boa educação é uma moeda de ouro: em todo lugar tem muito valor!"

Padre Antônio Vieira



Membros do Coral Santa Cecília

A ordem e a desordem

Há comentaristas da mídia impressa que qualificam o mundo em áreas de ordem e de desordem. Os países incluídos nas áreas de ordem são os ricos, desenvolvidos e bem sucedidos, e das áreas da desordem são os pobres, dependentes, em geral herdeiros do sistema imperialista. São, pois, os pós-imperialistas, pós-coloniais marcados profundamente. As fronteiras são marcadoras dos limites dos territórios, hoje sedes de Estados constituídos a partir dos domínios coloniais estabelecidos pelos impérios na disputa da conquista, sob a força da luta.

O processo atual é dramatizado pela migração, como refúgio de povos à busca de melhores condições de vida. As fronteiras dos países fortes são consideradas reais e propostas sob controle árduo para quem queira ultrapassá-lo de forma ilegal. Enquanto que as fronteiras artificiais criadas a ferro, fogo e diplomacias de interesses geopolíticos são alteradas e ultrapassadas, pois sempre estiveram dispostas pelos que as criaram com linhas retas sobre os mapas, sem respeitar tribos, comunidades religiosas, etnias, povos enfim de variedades culturais. Apenas como áreas de exploração de riquezas, matérias-primas e mão de obra. As áreas da desordem desde que se implantou o regime de força externa.

Decorridos os períodos da ocupação imperialista, as ideias de liberdade, identidade, fraternidade e soberania passaram a circular. Daí os processos de independência. O que custou muitas lutas. Principalmente afetadas pela ameaça externa e as contingências internas. Uma longa e sofrida comunidade em busca de um futuro promissor, mas, incerto. A Declaração dos Direitos do Homem, importante documento de Tom Paine, apontava para a liberdade, foi citado e usado na independência norte-americana (1776) e na redação de sua primeira constituição – que até hoje vigora. A Revolução Francesa (1789) com as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, a grande tríade dos chamados iluministas do século XVIII inflamava os povos colonizados. Estes a tomaram como ideal a ser atingido. As chamadas guerras pela independência se desenvolviam. Os franceses, inclusive, forneceram soldados para lutar ao lado dos norte-americanos pela independência, que, afinal, foi conseguida. A estátua da Liberdade na proximidade da ilha de Ellis, na baía do Hudson, em Nova York, celebra esse evento, e a estátua é uma homenagem dos franceses aos americanos. No Brasil, reproduzem-na iconicamente. Referência a Nova York (o “umbigo do mundo”), copiada simbolicamente, mas já aqui destituída da significação máxima. Muitos não parecem saber dessa significação. Apenas aceitam de bom grado pela referência nova-iorquina. Lorena tem uma frente a um grande centro

de compras. Empunhando a tocha simbólica, lá está, totalmente copiada. Significando a liberdade e a igualdade. Esta, principalmente, existe? Aqui, como lá? Mas, mesmo lá a desqualificação dos negros omite essa filosofia. Ou será apenas uma retórica para as expressões liberdade, igualdade e fraternidade num mundo de diferenças em choque, desentendimentos e para, os diferentes, a invisibilidade?

Samuel Huntington escreveu já há algum tempo um livro que se tornou clássico, “O choque das civilizações” para investigar, analisar e prever, entre outras motivações, o que ocorre hoje, um presente sempre renovado e cada vez mais pleno de conflitos.

Fronteiras anteriores à colonização europeia sempre foram constituídas em comunidades de parentesco, origens, etnias, linguagem, cultos, e religiões. Não respeitadas sob imposição de novas culturas, geraram rupturas e conflitos que mais se acirram na pós-independência com o chamado pós-colonialismo. A insatisfação, os choques culturais, fizeram pulverizar os cultos religiosos em subdivisões, lutas e guerras que hoje dramatizam o mundo. São muitos os exemplos. Grupos extremistas procuram dominar a ferro e fogo. Assim é a guerra na Síria desde 2011. As interferências norte-americanas na Síria, Iraque e Afeganistão somente geraram mais conflitos. Esta foi mais uma oportunidade para o desenvolvimento da polarização Estados Unidos versus Rússia no fornecimento de armas sofisticadas e forças militares, respectivamente para a área invadida pelos jihadistas do Estado Islâmico, particularmente a Síria, em guerra civil entre cristãos e muçulmanos sunitas e xiitas sob o regime autocrático de Bashar Al-Assad, enquanto este, apoiado por Putin e os russos, mantém a Síria em estado de guerra. A ameaça da expansão de domínio do Estado Islâmico por grande parte do Oriente Médio faz Israel propor a Obama e aos americanos manter a luta, sem trégua, embora Obama tenha dito várias vezes que, no geral, deveria ser evitado o confronto armado.

Entretanto, o estado da guerra e as conquistas islâmicas empurram milhares de exilados à procura da União Europeia. A dramática morte de Aylam Kurdi, o menino de três anos vítima de afogamento, reacendeu a disputa entre oferecer asilos aos refugiados ou impedi-los por cercas e muros de se movimentarem em grandes blocos pelos países europeus ocidentais. A mídia estampou comentários da tragédia como marca aflitiva desse nosso século. O Papa Francisco invocou a paz. E nós, atônitos, assistimos impotentes.

Dóli de Castro Ferreira

Sociedade, família, educação... Violência

Prof. Evelize Monteiro Chaves

A sociedade está sempre em constantes transformações. Camões, já no século 17 refletia sobre o assunto: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança (...)”. E, embora compreendamos a necessidade das transformações sociais para melhoria da vida das pessoas, nem sempre estas são tão positivas. É o que temos assistido frequentemente nos modelos comportamentais das famílias, com reflexo imediato na educação.

Há quinze anos leciono na Escola Estadual Darwin Félix, depois 12 anos morando e trabalhando em São Paulo. As mudanças por mim observadas nesta comunidade escolar são imensas. Naquela época, a maior parte dos alunos frequentava o Oratório São Domingos Sávio, onde recebiam todo suporte, desde o alimento até a formação religiosa, moral e cultural. Quando os recebíamos na escola, ficava patente o trabalho desta entidade e desenvolvíamos o pedagógico com mais tranquilidade e certeza do sucesso.

Quando chamávamos os pais para as reuniões pedagógicas, estas eram numerosas e todos ansiavam conversar com os professores para entender uma ou outra notinha vermelha que, porventura, apareciam nos boletins dos jovens. O mau comportamento era resolvido na esfera familiar, sem envolvimento do Conselho Tutelar ou Promotoria.

Muito diferente deste cenário, hoje a educação está falida. Grande parte dos jovens está desinteressada dos estudos e a participação da família na vida escolar é rara. As reuniões pedagógicas esvaziaram-se e os jovens estão cada vez mais desorientados.

Está difícil para os profissionais da educação vislumbrar algo diferente do apresentado, pois as mudanças de que precisamos vão além da implementação de novo currículo, da reorganização da escola recentemente apregoada pela Secretaria da Educação e sem reflexo em nosso município. O problema é social. A responsabilidade, portanto, é de todos os cidadãos: passa por Igrejas, Conselhos, Segurança pública, Promotoria e o Executivo e o Legislativo do município. É preciso envolvimento de todos no auxílio às famílias que educam os jovens.

Sabemos que o problema com jovens, o qual envolve a escola e a violência urbana, é um fenômeno que ultrapassa os limites de nossa cidade. Aliás, muitos ainda dizem que lecionam em Piquete é o paraíso. Nem por isso, porém, podemos ficar alheios ao nosso atual contexto social. Estamos perdendo nossos jovens para as drogas e a desesperança. É o que mais assistimos ultimamente. E tememos o pior – a banalização.

Precisamos nos ajudar, parar de apontar o dedo, de nos acusar. Nossa sociedade precisa ter maturidade para perceber que estamos doentes e que precisamos de tratamento. É hora de união e comprometimento, pois, caso contrário, todos correremos riscos. Este seria o primeiro passo para sanar os problemas da violência e da educação em Piquete.

Eram os dias das crianças

A rua era de terra batida. Muita poeira fina no tempo de inverno. Um pó que grudava nos pés descalços quando jogávamos bola até tarde da noite. Invariavelmente o dedão vivia machucado ou sem unha. No verão havia a lama e tínhamos que ficar trancados dentro de casa. De quando em vez fazíamos barquinhos de papel e os colocávamos na enchurrada. Televisão só em 1972. ABC Canário, preto e branco. Atrás era uma profusão de válvulas acesas que podíamos ver através dos furinhos da tampa. Também xeretávamos nas inúmeras vezes em que papai tinha que trocar uma delas. Era fácil consertar as coisas. Válvula apagada era o defeito. Era comprar no 'Seu Munir' e pronto. Lá estava a televisão acendendo de volta. Sempre a imagem estava correndo. Éramos obrigados a levantar para ajustar um pequeno botão na traseira e parar a imagem. Na tela Roy Rogers, Rin-tin-tin, Laredo, Zorro, Batman, Tarzan. Quem não queria ter um cão como o Rin-tin-tin, uma pistola como a de Roy ou viver na selva com a Chita, como o Tarzan?

O ribeirão Benfica era quase todo limpo. Tinha muita água. No verão fazíamos poço e nadávamos. Andávamos pelos morros e matas como desbravadores. Éramos guerreiros com nossos estilingues infalíveis (em acertar a unha do polegar) e nossa munição de mamona. No Natal nossa arma de espoleta em um coldre de napa. A munição durava pouco. Mas depois fingíamos os tiros. Fazíamos cadeias de bambu no quintal para prender os facínoras. Brincávamos de forte apache com cavalinhos, cowboys e índios de plástico. Não me lembro de nenhum amigo ter ficado violento ou bandido depois de adulto. Mas fomos

muito disso quando crianças.

la comprar cigarro – Continental sem filtro, viu? – no bar do Aloni. Às vezes, com autorização de alguma guloseima extra. Dadinho, chicle ploc (que minha mãe chamava de “bubs”), cigarrinho de chocolate, moeda de chocolate, doce de goma de três cores, sorvete de maria-mole ou mesmo a maria-mole colorida. Mas eu gostava mesmo da de coco. Não havia muitas escolhas. Tinha ainda algumas balas diferentes. Juquinha, soft. Tudo era muito simples. Bastava uma meia velha para se encher de pano e fazer uma bola de queimada. Algumas penas e um saquinho com areia e lá estava uma peteca. Duas latas e um barbante e criávamos um telefone. Umas varetas, papel e cola de arroz e no céu subia uma pipa. Uma barbatana de guarda-chuva, um barbante e o arco estava pronto. Outra barbatana e a flecha já podia voar em direção ao alvo. Certa vez acertei o dedo de meu irmão e a flecha atravessou-o de um lado ao outro.

Não havia supermercado ou lojas sofisticadas. Eram as vendas, padarias e lojas pequenas que mandavam no pedaço. Venda do Neco, do Valdemar, do Abel. O arroz nas caixas ao lado das caixas do feijão. Era preciso escolher muito cada um deles pois eram cheios de pedra, gorgulhos, besouros, etc. Os sacos só de papel, nada de bolsas de plástico. Garrafas de vidro para o leite entregues à porta de casa pelas carroças. Bebidas só em garrafas. Os cascos retornáveis. Até o Toddy era no vidro. A variedade era pequena. Guaraná Antártica ou Brahma. Fanta, Coca, Crush, Grapette. E tinha os guaranás das redondezas. Passa-Quatro, Gatinho, etc. Nada de comida congelada, pré-cozida ou desidratada. Tudo ti-

nha que ser feito na hora. E era simples: arroz, feijão, legume, salada e - quando dava - uma carne. Geralmente a carne oriunda de alguma fazenda da cidade. A carne vinha somente dos açougues e eram embrulhadas em jornais. Na maioria das vezes sem nenhum plástico. Não era incomum alguma foto do jornal ficar colada na carne. Carne com rosto.

Médicos não eram no plural. Íamos ao Dr. Amoroso ou ele vinha até em casa. Os remédios eram simples e comprados na Farmácia do Seu Joãozinho ou Seu Galvão. As prateleiras organizadas cheias de potinhos e vidros. Me lembro de ir comprar absorvente íntimo que o Seu Joãozinho embrulhava em um papel cor de rosa, pois havia um certo pudor com relação a muita coisa. Fraldas? Só as de pano feitas em casa. O varal cheio de bandeirinhas brancas. No café da manhã pão com manteiga e café com leite. Café do bule e feito com coador de pano. Leite da fazenda do Nhôzinho. Gordo. Depois do almoço sentávamos na calçada do quintal para comer um doce que minha mãe sempre fez. Goiaba de casa, banana de casa ou algum outro que era trocado na gentileza entre vizinhos. Ali ficávamos lagarteando no solzinho antes de fazer outras estripulias.

Não havia dia dos pais, das mães, das crianças, disso ou daquilo. Havia o Natal e o aniversário. Uma pequena lembrança e um bolo no aniversário e um presente especial no Natal. Comprado com muito sacrifício. Mas hoje existe o dia das crianças para me lembrar (como adulto) o quanto era feliz quando não havia o dia das crianças. Todos os dias eram das crianças.

Luiz Flávio Rodrigues

Os palácios não são donos da democracia

No final de setembro, o governo Alckmin anunciou que fecharia 94 escolas no estado de São Paulo. Sob o nome pomposo de “reorganização escolar”, a proposta se justificaria por manter apenas um ciclo de ensino (Fundamental I ou Fundamental II ou Ensino Médio) em cada escola, o que ofereceria vantagens pedagógicas a professores e convívio mais fraterno entre alunos. No entanto, discordando do governador e de seu secretário de educação, Herman Voorwald, alunos e professores não apreciaram o projeto e decidiram ocupar as escolas que o governo prometera fechar.

Não é preciso muita inteligência para notar que há, no mínimo, algo de contraditório na proposta de Alckmin: Promete-se melhorar a educação fazendo exatamente o oposto do recomendado – não se abrem, mas fecham-se escolas. Ao não criar novas instituições e acabar com as já existentes, a dita “reorganização”, dentre outras coisas, deve enviar alunos para estudarem em locais mais distantes de suas casas e forçar professores a se deslocarem ainda mais vezes entre diferentes escolas. Mesmo assim,

Alckmin e Voorwald, do alto da arrogância de quem julga saber mais da realidade de alunos e professores do que estes próprios, decretaram, sem nenhum debate ou ponte democrática, que sua proposta de “reorganização” vigoraria e ponto final.

Uma, dentre as muitas coisas que faltam a Alckmin e à extensa maioria dos governantes, é a humildade de reconhecer que não são donos da verdade e que é o povo – dentre esse, os estudantes, trabalhadores e cidadãos – os mais capazes de falar sobre os problemas por que passam e sobre as soluções que podem ser encaminhas. Não se trata, de maneira nenhuma, de esvaziar as responsabilidades de quem governa. O que se deve, na verdade, é aprimorar a democracia através do diálogo com a população e do ouvido sensível às suas expressões.

Pressionado pelo movimento legítimo dos alunos, o Secretário de Educação tenta, agora, “estabelecer o diálogo”, propondo explicar à comunidade escolar as razões e as vantagens do plano. No entanto, a postura do Secretário soa como nada mais do que uma tentativa de desmobilizar os estu-

dantes sem fazer aquilo que deveria ter sido a primeira medida antes de qualquer decisão: consultar e debater com alunos, pais e professores acerca do plano. Quando afirma que quer explicar a proposta à comunidade escolar, mas não suspende a medida tomada nos gabinetes do Palácio dos Bandeirantes, o secretário só atesta que não aprendeu nada da lição democrática dos alunos e que segue na toada autoritária de quem acha que o governo é um mirante de iluminados.

Em sociedades modernas, nas quais a pluralidade de opiniões é uma característica essencial, qualquer decisão que toque diretamente o povo e que venha a ser tomada de maneira unilateral por um governo será autoritária e ineficaz. Os governantes, estejam eles em Brasília ou em qualquer cidadela da nação, devem compreender que o governo é parte do povo, e que suas decisões não podem, de modo algum, fechar os ouvidos aos cidadãos. Democracia se governa não só dos palácios, mas também, e essencialmente, a partir das ruas.

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

O comedor de terra

Palmyro Masiero

Casadinhas há quase três anos, o casal de jovens tem um robusto garotinho de uns dois anos, que é o encantamento da casa. Desculpem-me pelo “encantamento da casa”, mas já li isso tantas vezes, que terminei batendo igualzinho. Coisas da vida...

O marido trabalha de dia na Embraer e, à noite, faz a Faculdade de Engenharia. É o que dá. Arranjou encrenca logo cedo e agora tem que se virar para futuramente prover a família de condições à altura do amor à sua gatinha e para o fruto de noites bem dormidas – o fofinho do lar. Tinha que aproveitar enquanto jovem para lançar o alicerce para um amanhã melhor. Afinal, a família poderia aumentar...

A esposa, ainda quase menina, tinha no filhinho uma boneca andante e mais ou menos falante. Era sua diversão. Passava o dia em casa. Estava concluindo o segundo grau quando enfrentou o altar e, por enquanto, ficaria nessa escolaridade. Mas tarde poderia até voltar aos estudos, mas, por ora sua missão consistia em cuidar do maridinho e do filhotinho. Que bonitinho!

Montar casa hoje em dia é coisa parecida com pegar um cubo mágico pela primeira vez e deixar os quadradinhos da mesma cor nos mesmos lados! Conseguiram uma pequena, apenas quatro dependências e quintal de terra. Ganhando razoável, pagando aluguel, o sustento do lar e mais a faculdade, qualquer sonho algo ambicioso teria que permanecer em banho-maria até o momento de pôr pra ferver no duro. Mas sentiam-se felizes. O amor é como a primavera: está pouco se lixando com os problemas dos humanos: quer é abrir flores.

O esposo saía do serviço e nem ia para casa. Direto para a faculdade. Ao final da aula, enfrentar o famigerado bondão. De segunda à sexta, madrugava e chegava quase à meia-noite. Vida dura. Via pouco o filho e a mulher. Sábados, à tarde, e aos domin-

gos, curtiam-se integralmente.

Final de ano, semanas decisivas, ele iniciou as provas trimestrais. No dia da primeira refrega, chegou pouco mais cedo em casa. Questões quentes. Mal entrou a mulher, após os beijinhos, deu-lhe o relatório familiar do dia. O bicho com a cabeça ainda fervendo da prova, ouviu:

– Bem... O Júnior hoje cedo estava comendo terra. Tem algum perigo?

– Tem... O cocozinho dele sair feito tijolinhos...

Ela zangou-se pelo desinteresse dele ante o fato. Desculpou-se e tudo terminou em paz. Mas no dia seguinte a história se repetiu:

– Bem... Quando saí procurando o Júnior, estava ele no quintal outra vez comendo terra. Dei-lhe bastante água para beber... Será preciso dar mais alguma coisa?

– Qualquer coisa pode, menos cimento – secamente respondeu o cara com a cara enfiada num livro de Cálculo. Outra bronca da gatinha. Dessa vez nem se lembrou das desculpas, pois estava emaranhada a solução de um exercício que estudava para a prova seguinte.

Quinta-feira, e o molequinho aprontou de novo. Que mania de minhoca, meu! Embora já por duas vezes o esposo se encheria com esse tipo de problema familiar, era o único a quem a mulher poderia recorrer:

– Bem... O Júnior estava novamente comendo terra hoje. Será que está faltando alguma coisa pra ele?

– Evidente que está! – Respondeu zangado o bem dela. Está faltando mais atenção e vigilância sobre ele!

Ela começou a chorar. Trocaram duras palavras. A primeira rusga em três anos de casados. O clima continua ruim no lar.

Convenhamos, também, que esse Júnior está muito precoce para tentar uma reforma agrária que seja por todos bem digerível...

O nosso “Elefante Branco”

O Ginásio de Esportes Duque de Caxias, conhecido como “Elefante Branco”, faz parte de um conjunto de edificações que se tornaram referência arquitetônica na paisagem de Piquete. São marcos culturais e afetivos de todos que, em diferentes épocas, puderam usufruir desses imóveis que desempenharam importante papel social em nossa cidade. Segundo a arquiteta Célia Aparecida Rosa, “Um imóvel não precisa ser suntuoso ou excepcional para se tornar patrimônio da sociedade. O que legitima um bem cultural é sua participação na história”.



Em 19/11/2014, por meio do Decreto Municipal 4.062, o “Ginásio de Esportes Duque de Caxias”, foi tombado pelo COMDEPHAAPPI como patrimônio histórico, referendando sua importância histórica-cultural para Piquete.

Inefável

*Inefável é a vida
Que nos foi levada.
A qual cultivamos
Com todas as forças,
Empenhados em retê-la
O máximo possível.
Limitados por nossas vicissitudes,
Animados por nossos sonhos,
Esperançosos, como é nosso
Peculiar modo de entender
O mistério que se oculta
Nos nossos modos de definir
A vida, o vital elo que aos humanos
Representa uma exclusividade.
Critério do que se considera humano
À exaustão pelo sofrimento
Que nos irmana e assemelha.
Inebriados pelo que se chama amor,
Transcendentes pelo divino,
Fonte, origem, destino e fim.*

Este poema é dedicado à Rosinha e à Juju, às quais devo minha sobrevivência por terem me amamentado quando à minha mãe faltava o leite necessário. Elas, com filhos na minha idade, repartiram com seus bebês o alimento que me proporcionaram. E a toda essa gente boa do Piquete antigo, familiares e amigos que me cumularam de bons ensinamentos, carinho, amizade e atenção. São focos de luz para sinalizar caminhos e opções. Vida, enfim.

Ah! Em tempo: Juju era dona Juliana, casada com o sr. Antônio da Encarnação da antiga “elite” piquetense, quando nome familiar era documento, como numa sociedade de classes. Rosinha era descendente de escravos, uma “excluída” como dizemos agora, que trabalhou por muito tempo na cozinha do Hotel das Palmeiras de Dona Maria Eufrásia, dama referencial da velha estrutura urbana piquetense. Estou me referindo a um tempo muito antigo, lá na primeira metade do século XX. Gostaria também de lembrar os que, com suas presenças e motivações, enriqueceram nosso imaginário.

Dóli de Castro Ferreira



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo
“O ESTAFETA”
www.issuu.com/oestafeta

Associação Atlética Piquetense

Ao chegarem à entrada da cidade de Piquete, pouquíssimos piquetenses têm lembranças de como era esse local em décadas passadas, e outros só têm informações repassadas por seus antepassados.

Nas primeiras décadas do século passado, a área do trevo de entrada e em frente ao posto de combustível era conhecida como Largo da Primavera. Nesse local havia um campo de futebol de uso comum da população, mas man-



tido pelo Piquetense Futebol Clube, que chegou até a ter jogos com o E.C. Estrela.

No início da década de 1940, o asfaltamento da BR 459 (Lorena-Itajubá) exigiu novo traçado da estrada que ocupou quase totalmente o campo. Não se tem dados sobre a fundação do Piquetense Futebol Clube, mas, através de relatos coletados de amigos que foram atletas e diretores do clube naquela época – Luiz Vieira, João Vieira, Carlos Vieira Soares, Ismael Marques e os irmãos Jansen – presume-se que a prática do futebol naquele local já acontecia por volta de 1910. Uma foto sem identificação de data traz a diretoria da entidade composta pelos senhores Guilherme Jansen, Luiz Arantes (Zizinho), professor Gonçalves, Zequinha Meireles, Durval Perdigão, José Corrêa e Genário Coelho (Vidinho). Guilherme Jansen foi um dos fundadores do E.C. Estrela, em 1914.

Desde a desativação do Piquetense Futebol Clube, seus ex-diretores e atletas sentiram necessidade de encontrar um novo local para a prática do futebol, e então, por iniciativa de Luis e Carlos Vieira Soares, com o apoio dos senhores Oswaldo Coelho Nunes, Juracy Faury, Paulino Felicidade, Manoel Rosa, Esbertisto Vieira, João Gomes de Souza e outros, em 19 de setembro de 1956 fundou-se a Associação Atlética Piquetense.

O primeiro compromisso da direção da Piquetense foi a procura de um local para o novo campo. Na Vila Cristiana havia uma área disponível, mas difícil de ser usada para prática do futebol por se tratar de local, em

sua maior parte, de brejo. Não havia, porém, melhor opção. Para obtenção de recursos para a aquisição desse terreno, fez-se a divisão do local em quadras que foram coteadas entre os patrocinadores. A drenagem do terreno foi a missão seguinte da diretoria da A.A. Piquetense e a opção menos onerosa e mais viável seria a utilização de bambus, que foram doados e trazidos da propriedade de Oswaldo Coelho Nunes. Os serviços de nivelamento e drenagem do terreno, além de obras complementares, foram executados pelos próprios diretores, atletas e voluntários. Com o campo em condições de uso, formou-se a equipe e cresceu o entusiasmo dos amantes do futebol. A população passou a apoiar o empreendimento a partir de uma contribuição mensal obtendo já de início mais de 150 sócios colaboradores que garantiram a estruturação da entidade para aquisição de materiais, equipamentos e uniformes.

A partir da inauguração do estádio da Piquetense, em 3 de maio de 1959, a Vila Cristiana e adjacências ganharam nova vida, pois, durante a semana, os jogos recreativos e os treinos eram concorridos e, principalmente aos finais de semana, os amistosos e os campeonatos municipais e regionais atraíam considerável público. Para as disputas de campeonatos oficiais, a Piquetense teve que se filiar à Federação Paulista de Futebol, e o primeiro jogo oficial da A.A. Piquetense aconteceu na noite de 23 de julho de 1960, às 20h45min, contra o Cachoeira Futebol Clube, no estádio do E.C. Estrela, pelo campeonato amador da FPF. Atuaram

os jogadores Tico-Tico, Sebastião, Bene, Elísio, Paulinho, Vítor, Toschini, Edson, Guido, Paganine, Oscar, Damas, Ismael, Zezinho, Rapinha, Marinho e Capora. O técnico era Manoel Rosa. Desse campeonato amador, além da Piquetense participaram as equipes E.C. Estrela, Cachoeira F.C., Silveiras F.C., Ferroviário (Cachoeira Paulista).

No torneio-início desse primeiro campeonato da Piquetense patrocinado

pela Federação Paulista de Futebol, a Piquetense venceu o E.C. Estrela.

Em 1961, a Fábrica Presidente Vargas patrocinou uma olimpíada envolvendo as entidades piquetenses e a Piquetense conquistou vários troféus e medalhas nas categorias tênis de mesa, voleibol, natação e futebol de salão.

Nos anos 70, auge de suas conquistas esportivas, com a equipe fazendo amistosos e disputando campeonatos em diversas cidades, a diretoria da Piquetense identificou a necessidade de regularizar a escritura do terreno que fora feita com base na confiança entre as partes. Um impasse, então, minou e destruiu muitas aspirações dos piquetenses que usufruíram dos eventos no campo da Piquetense. O proprietário do terreno apresentou óbices para a transferência oficial do terreno e, diante da morosidade para resolver a questão, diretores, colaboradores e atletas foram se afastando da entidade e o quadro social foi extinto. Essa incômoda situação passou a ser de conhecimento público e, para remediar a situação, criou-se o Vila Cristiana Futebol Clube, a quem foi transferida a escritura.

Sem a posse definitiva do terreno e não tendo mais direito de administrar o campo, a A.A. Piquetense teve dificuldades em continuar seu brilhante caminho no futebol e encerrou suas atividades. Também o Vila Cristiana não conseguiu manter os encargos para a administração das atividades e o terreno passou a ser propriedade municipal.

Leonel Gomes de Souza

“Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie. Quem almeja ver dias felizes precisa aprender a amar a sua espécie (...) Se você amar profundamente a espécie humana, estará contribuindo para provocar a maior revolução social da história”.

Augusto Cury



O Elefante Branco está sendo reformado

Parte importante das memórias de muitos piquetenses está sendo recuperada: o Ginásio de Esportes “Duque de Caxias”, carinhosamente conhecido como “Elefante Branco”, está passando por uma grande reforma que promete recuperar suas características originais devolvendo à cidade um dos mais significativos marcos referenciais da história de Piquete.

Inaugurado em 8 de novembro de 1952, juntamente com a Praça Duque de Caxias, o

“Elefante Branco” foi, por muitas décadas, essencial para o desenvolvimento dos esportes municipais: foram inúmeros os campeonatos de vôlei, basquete e futebol de salão lá disputados por alunos do Departamento Educacional da FPV. Gerações de jovens piquetenses tiveram estimulado o senso de disciplina, ordem e civismo por meio da prática das modalidades esportivas disponíveis. Outros eventos memoráveis foram os bailes de formatura, exposições, como a

do Cinquentenário da FPV, em 1959, festas juninas e o almoço do “Piquetense Ausente”, ocorrido quando do centenário do município, em junho de 1991.

O retorno do Elefante Branco enche de alegria a comunidade piquetense e a Fundação Christiano Rosa, empenhada no resgate e na divulgação da cultura e da história piquetenses, parabeniza a administração municipal pela iniciativa.

Faço gosto em acreditar nessas coisas em que ninguém acredita

Até pouco tempo o mundo era cercado por perigos, a desgraça nos rondava dia e noite... Havia um encanto nisso. “O cachorro está cavando no quintal, quem será que há de se ir?” dizia tia Tina. Durante a noite, quem mal agourava era a temida coruja; dela cristão nenhum conseguia escapar. Sapo, besouro, gavião a piar, uivo de cão, galo cantando fora de hora – eram todos maus presságios. Hoje não se temem mais esses sinais, exceto os que, como eu, fazem questão de não abrir mão desses temores.

Havia também graças e desgraças atribuídas aos santos. Ainda podemos ouvir testemunhos sobre essas coisas nas comunidades mais distantes, pouco urbanizadas. Disse-me Maria do Prado: “Padre, o velho que mora nessa fazenda fez um desaforo para os festeiros do Divino. O pouso chegou a cantar em sua casa, ele mandou matar um porco doente e serviu à folia. Os foliões comeram e foram embora obrando. No outro dia, a porcada toda começou a morrer, não ficou um só leitão vivo. A morte ceifou também o gado miúdo, fez estrago no galinheiro e só parou de agir quando ele ofereceu um garrote criado, de valia, para a festa do Divino. Com o Divino não se brinca!” concluiu ela. Acho isso fantástico.

Noutra ocasião ouvi dizer que, pelas bandas de Cunha, uma moça muito bonita

havia conseguido um noivo rico e já estava de casamento marcado. Ela se recusou a dançar em homenagem a São Gonçalo, em seu festejo. No dia seguinte foi ver seu noivo. Estava acometida de forte flatulência e soltava gases tão malcheirosos que não sobrou outra opção ao rapaz senão deixá-la. Sua desventura durou exatamente um ano. Quando chegou novamente o dia de São Gonçalo, ela se ofereceu para dançar em honra do santo. Sua desgraça foi superada, mas seu noivo já havia se casado com outra. Disseram que ela se tornou devota do santo e até hoje costuma cozinhar em suas festas. Nunca se casou, mas se tornou uma boa cristã e dedicou sua vida à prática da caridade aos pobres.

São Benedito também é muito milagroso. Dona Teresinha da Mariazinha, “tomadora de conta” da capela do santo nestas bandas por mais de quarenta anos, contou-me que há algum tempo atearam fogo ao pasto de São Benedito. Ela com poucos companheiros foram tentar apagar o incêndio. Parecia impossível. Aproximou-se um fazendeiro acompanhado de cinco empregados. Vendo a sua labuta contra o fogo, fez pouco caso e disse: “Vou fazer um aceiro em minha fazenda para que esse fogo não chegue até lá”. Ela fez uma prece ao Santo Negro pedindo a ele que guardasse

sua capela. Na mesma hora, o vento virou e soprou forte para o outro lado. O fogo queimou da cerca para fora e não entrou na terra do santo, mas rapidamente atingiu as terras do fazendeiro e, segundo ela, queimou o quanto quis por lá. Ela sempre repete: “Não façam pouco caso de São Benedito”.

Acho uma pena que esse riquíssimo patrimônio cultural imaterial de nossa região vá se esvaindo, se perdendo sem que ninguém o registre. São os alicerces de nossa cultura valeparaibana. Essas histórias não são fictícias, são vividas por nossa gente. Manter viva essa memória é manter viva a fé, os medos, as alegrias, as crenças e as descrenças, as raízes que nos mantêm em pé, que nos identificamos como gente da Bocaina, do Vale do Paraíba, da Mantiqueira. Tenho feito minha parte: quando pia uma coruja, não hesito em dizer: “Quem será o próximo?”. Quando cantam as cigarras, falo: “Hoje não passa sem chuva.” No dia de São Lourenço, não deixo de, prontamente, recordar que é dia de plantar abóboras. Frequentemente peço à minha cozinheira que deixe um pouco de casca de alho no tempero socado. Assim o saci não cospe no pilão. Faço gosto em acreditar nessas coisas em que ninguém mais acredita, de contar o que o que ninguém mais conta.

Pe. Fabrício Beckmann



“Os valores simbólicos de nossa cidade devem ser vistos, pois a reverência ao passado não é nostalgia e muito menos saudosismo, mas antes de tudo o direito à preservação do que o engenho e a arte criaram como obras humanas, atestados de uma época e referências de homenagem ao futuro. São estas referências que nos garantem o direito de cidadania”.

Dóli de Castro Ferreira